

À HOMEOPATIA NO SÉCULO XIX

1 - O NASCIMENTO DA HOMEOPATIA: O FUNDADOR

Sabe-se, de um modo geral, que o fundador da homeopatia foi Hahnemann. Mas há um desconhecimento de quem foi, como viveu e o que produziu numa obra tão controversa ainda hoje.

O nosso propósito aqui é fazer um breve histórico da biografia e da obra de Hahnemann, no sentido de situar as origens da homeopatia brasileira no século XIX.

Cristiano Frederico Samuel Hahnemann, alemão de nascimento, viveu de 1755 a 1843⁽¹⁾.

Pobre, sustentou seus estudos em medicina com a tradução de textos franceses, ingleses e italianos para o alemão, aproveitando seu pendor para as línguas, tendo se doutorado aos 24 anos em 1779, pela Universidade de Erlangen. Cinco anos depois publicou seu primeiro trabalho, um ensaio onde criticava a ausência de princípios para indicar o poder curativo dos remédios⁽²⁾.

Em 1789, ano histórico da revolução francesa, abandonou a clínica, profundamente insatisfeito com a "ausência de princípios" na terapêutica da medicina de sua época. Retomou então suas traduções, agora de Matérias Médicas (Cullen 1790; Monro, 1791). Além disso publicou, ao longo de alguns anos, um grande Dicionário Farmacêutico, em vários volumes que, segundo um seguidor foi "por muito tempo, na Alemanha, a obra mater sobre o assunto"⁽³⁾. Escreveu também, durante este tempo, artigos para

(1) Consultas sobre a vida e a obra de S. Hahnemann foram feitas principalmente nos livros de Orlandi e Verwoet Homeopatia ou Alopatria, Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, 1983; CAIRO, Nilo. Guia de Medicina Homeopática, São Paulo, Livraria Teixeira, S.P., 1981 (21ª Edição); TEIXEIRA NETO, L. A dialética da doença e outros temas correlatos; Ed. Nação Cariri, Fortaleza, 1983. Também foram consultados documentos históricos e fontes secundárias citados no levantamento bibliográfico anexo a este relatório (Anexo 2) e uma versão brasileira abreviada da sexta edição do Organon da Arte de Curar, principal obra de Hahnemann.

(2) CAIRO, N. Guia de Medicina Homeopática, op. cit. p.35

(3) Idem

uma grande revista médica da Alemanha, o *Jornal de Hufeland*, todos versando sobre questões da medicina de então.

De suas preocupações com as drogas farmacêuticas, pode-se deduzir que seus artigos dessa época versassem sobre o efeito dos medicamentos nos doentes. Traduzindo a matéria médica* de Cullen, discordou da interpretação que o médico escocês dava dos efeitos e da ação da quina, no tratamento das febre intermitentes, que se verificariam, segundo Cullen, "por suas qualidades aromáticas e amargas", resolvendo experimentar a droga sobre si mesmo, na hipótese de que a quina pode curar a febre intermitente porque produzir um quadro febril semelhante em homens sãos. "E a cada dose que tomou, experimentou um verdadeiro acesso de febre intermitente, semelhante ao das febres palustres"⁽⁴⁾.

A partir deste momento colheu, durante anos, observações da ação de drogas em si mesmo e em outros homens sãos, observando o mesmo princípio da ação da quina, isto é, que os efeitos toxicológicos das drogas correspondiam estritamente aos sintomas das moléstias que as drogas curavam. A nosso ver, aqui reside o ponto central da teoria homeopática da ação do medicamento. Na verdade, ele (sô) é capaz de curar porque produz uma doença artificial no organismo já atacado por uma doença natural. Mobilizando-se para reagir contra a nova doença, o organismo vence a primeira natural e artificial (induzida pelo remédio), porque esta é provocada em escala minimal, possibilitando o reequilíbrio do organismo.

* As matérias médicas do tempo de Hahnemann em geral versavam sobre as propriedades e formas de aplicação das diferentes drogas na clínica médica. Eram tratados de medicina prática, diferentes das doutrinas médicas (Teorias Médicas) da época.

(4) Ver CAIRO, N. op. cit., p.36.

Até o final de sua vida experimentaria os efeitos de mais de cem drogas, em homens sãos, constituindo com esta prática, o principal fundamento da terapêutica em homeopatia, isto é, que a base da medicação do semelhante para curar o semelhante deve partir necessariamente da experiência no homem são. Assim, em 1796 publicou no Jornal de Hufeland uma monografia intitulada "Ensaio sobre um novo princípio para achar as virtudes de um medicamento, com um golpe de vista sobre os princípios seguidos até hoje" (5), em que defendia a idéia do semelhante como princípio ativo de cura das doenças, embora só em um trabalho de 1806, "Indicações do emprêgo homeopático dos medicamentos na prática (clínica) obrigatória", tenha nomeado seu método terapêutico pela primeira vez (6).

Entretanto, já em 1801 advogara a redução de doses como forma de tratamento e a necessidade de se ministrarem apenas um medicamento de cada vez a cada doente (7).

A obra principal do fundador da homeopatia, que reúne todos os princípios do método homeopático foi publicada no ano de 1810, sob o título de Organon da Ciência Médica Racional. A partir de 1819 (2a. edição), ficou sendo conhecida como Organon da Arte de curar ou Exposição da doutrina médica homeopata.

Neste livro Hahnemann discute a teoria e a prática médicas homeopáticas; os fundamentos da terapêutica similia similibus curantur (a cura dos semelhantes pelos semelhantes); a maneira de como estabelecer a escolha do medicamento adequado para cada paciente, em

(5) Ibidem

(6) Ibidem, p. 37

(7) Ibidem

cada processo mórbido (princípio da individuação do medicamento); estabelece uma sintomatologia a ser observada típica da clínica homeopática (bastante detalhista e diferente em vários pontos da clínica oficial); mostra como conduzir uma consulta homeopática sem induzir no paciente os princípios ou suposições terapêuticas do médico; dá orientações sobre a relação médico-paciente, discorrendo sobre sua natureza e importância para o tratamento e a cura do doente inclusive, no que concerne aos doentes mentais; afirma, finalmente, que a finalidade básica da homeopatia e da medicina como um todo é curar, e não "teorizar sobre as doenças", cabendo aos médicos a tarefa única de "restabelecer a saúde dos enfermos", colocando-se numa postura aparentemente muito pragmática, num clima geral da obra de crítica acerba à medicina oficial de seu tempo:

"A primeira, a única vocação do médico é restabelecer a saúde dos enfermos: é o que se chama curar. Sua missão não é forjar sistemas, combinando idéias ôcas com hipóteses sobre a essência íntima da vida e a produção das moléstias no interior invisível do corpo, ou procurar incessantemente explicar os fenômenos mórbidos e sua causa próxima, que permanecerá sempre oculta para nós, submergindo o todo numa mi-xórdia de abstrações ininteligíveis, cuja pompa dogmática embasbaca os ignorantes, enquanto os doentes suspiram em vão por socorros. Já estamos fartos destes sonhos sábios que se chamam medicina teórica; é tempo de todos aqueles que se dizem médicos cessarem, enfim, de enganar os pobres humanos com palavras ôcas de sentido, e de começarem a agir, isto é, a aliviar e a curar realmente os doentes". (8)

Sendo o "Organon" uma obra em parágrafos, no estilo literário do início do século XIX, pode-se perceber seu caráter polêmico já neste parágrafo aqui citado integralmente (8). Na verdade, a que alude agressivamente o autor com a expressão "sonhos sábios que se chamam medicina teórica"? Certamente aos sistemas médicos explicativos que desde o século XVIII eclodiram na Europa, no rastro dos avanços da fisiologia, da química, da física e da botânica, realizados nos séculos imediatamente anteriores. Tais sistemas, fossem eles animistas, mecanicistas, vitalistas ou magnetistas procuravam as causas das doenças e deduziam geralmente a intervenção terapêutica a partir de um sistema lógico que aliava certas hipóteses a observações clínicas (de indivíduos doentes).

O interessante de se notar é que esses "sistemas" não eram o escudo de charlatães ou o refúgio de curandeiros, mas o núcleo da medicina científica da época. Os sistemas médicos eram adotados nas escolas, nas academias, nas associações médicas, onde se degladiavam; faziam sucesso nas cortes, onde os médicos se tornavam figuras socialmente prestigiosas, ou repentinamente "desgraçadas".

Tornam-se compreensíveis, aliás, estas rápidas ascensões e quedas, se atentarmos para o quadro de saúde da época. Face às doenças pestilenciais (peste, cólera, lepra) que, herdadas dos séculos anteriores, predominavam ainda no Velho Mundo; às epidemias que mais recentemente varriam-no periodicamente (varíola, "febres intermitentes", vírus de "influenzas"); às endemias, mais antigas, que os colonizadores transportavam para o Novo Mundo (tubercu-

(8) Hahnemann, S. Organon da Arte de Curar, citado por CAIRO, Nilo, em Guia de Medicina Homeopática, op. cit., p. 34.

lose, sífilis e outras doenças venéreas, etc.), os sistemas dos séculos XVIII e XIX tentam responder, no nível da teoria médica e da intervenção terapêutica, ao grande mal da doença, que, junto às fomes e às guerras, constituiu durante séculos o grande flagelo dizimador de populações da Europa. Não é nosso propósito aqui analisar a relação entre esses males e seus condicionantes, isto é, as péssimas condições sanitárias e nutricionais dessas populações. Basta-nos assinalar que a gestação do capitalismo se deu em tais condições e que a produção de novas teorias e conhecimentos, seja em física, química, fisiologia, seja, posteriormente, em medicina, não pode ser desligada das grandes "urgências" que o processo de formação da nova sociedade gerava, seja no nível da produção, seja no nível da reprodução social. Os grandes sistemas médicos dos séculos XVIII e XIX não são exceção a esta regra, ao contrário (9). Beneficiadas pelos avanços recentes da farmacologia, que se deram pela manipulação de drogas durante o século XVII, apoiadas na anátomo-clínica, que dava seus primeiros passos, as grandes teorias médicas constituem-se realmente em sistemas explicativos racionalistas que buscam o caminho do experimentalismo ainda de forma empírica, utilizando como cobaias os próprios doentes.

Era comum, porisso, no século XVIII e ainda durante o século XIX receitarem-se e aplicarem-se as mais diversas dro

(9) Ver a respeito dessas relações, entre outras, as análises clássicas, de: ROSEN, G. Da Polícia Médica à Medicina Social, Rio, Graal, 1980; "A Evolução da Medicina Social", in, NUNES, E.D. (org.) Medicina Social, aspectos históricos e teóricos, São Paulo, Global Ed., 1983; POLACK, J.C. La médecine du capital, Paris, François Maspéro, 1972; BERLINGUER, G. Medicina e Política, Bari, De Donato, 1973; STERN, J.B. "A Saúde das Cidades e o Primeiro Movimento de Saúde Pública", in NUNES, E.D. (org.) Medicina Social aspectos históricos e teóricos, S.P., Global, 1983; a obra de FOUCAULT como um todo, sobretudo a História da Loucura e o Nascimento da Clínica.

gas ao mesmo doente que, não raro, "morria da cura". Por outro lado, tinha-se recém separado doente e doença, caminhando-se, através do exame clínico e da anatomia patológica, no sentido da descoberta de várias patologias e constituindo-se aos poucos um quadro classificatório de doenças (10).

É nesse clima que Hahnemann elabora também o seu "sistema médico." Entretanto, pretende que o seu sistema seja diferente em tudo dos que constituíam a medicina da época: no método, que ao invés de "dedutivo" e "lógico", pretende sistematicamente experimentalista; na intervenção terapêutica, que ao invés de "empírica" e "arbitrária", porque penetra no "interior invisível do corpo" do doente à procura das causas próximas da doença, pretende mais prática e de maior eficácia. Finalmente, na própria concepção do processo saúde-doença, que pretende mais científica, na medida em que toma como ponto de partida desse processo o homem como totalidade indissociável, o indivíduo doente, e não partes desse indivíduo que são atingidas por alguma patologia que as invade como um inimigo desconhecido que ataca fortalezas desguarnecidas em pontos chaves. Este modelo guerreiro, de batalha entre a doença inimiga e o organismo vulnerável, que aos poucos vai conferindo imagem à medicina ao final do século XVIII e início do século XIX repugna ao fundador da homeopatia. Entretanto, durante o século XIX os médicos não cessarão de procurar as "causas próximas" da doença até descobri-las, através do conceito de agente etiológico. Abandonarão assim o conceito de causalidade, descendo do patamar metafísico para o positivo, no sentido Comteano, fazendo da medicina não mais um sistema racionalista explicativo, mas uma prática

(10) Ver Orlando, O. e Vervloet, A.E. Homeopatia ou Alopacia, op. cit., parte Alopacia, pp. 14 e ss.

experimentalista, apoiada nas ciências básicas mais avançadas: a química, a física e, sobretudo, a biologia.

Nada mais será "invisível" no corpo humano; todas as doenças serão explicáveis por sua "causa próxima"; somente a "essência íntima da vida" será deixada de lado, juntamente com o indivíduo doente.

Já na metade do século XIX a medicina só tratará de doenças. Colocará para o indivíduo suas regras da normalidade e da doença. Estar doente doravante representará comportar-se de acordo com padrões específicos de morbidade. Os médicos buscarão no doente sua doença, combate-la-ão com os fármacos de que dispõem, específicos para cada morbidade. Verão na morte não mais o final de um processo vital, mas o sinal de sua derrota. A doença e a morte serão, assim, cada vez mais os inimigos da medicina.

Estamos bem longe de Hahnemann, para quem o adoecer é visto como um processo vital do indivíduo no sentido de equilibrar-se como totalidade bio-psíquica. Se há muitos processos similares de adoecer, idênticos mesmo, possibilitando o traçado de um quadro de morbidades, entretanto, para o fundador da Homeopatia, cada indivíduo que adoce de uma morbidade qualquer, adoce de acordo com sua história biológica, psíquica, familiar, sexual, temperamental, caracteriológica, etc.

Para tratar esse indivíduo, atingido em seu equilíbrio de maneira extremamente pessoal, há que buscar o medicamento que mais se aproxime de suas particularidades morbígenas, na dosagem que mais o sensibilizar para a cura.

Hahnemann combate, assim, o princípio terapêutico mais caro à medicina oficial do século XIX: que uma doença só po-

de ser combatida por um (ou mais de um) fármaco, que seja ao mesmo tempo específico para aquela patologia, e geral para todos os indivíduos portadores de tal patologia. Além disso, quanto mais elevada for a dose quimicamente, e de propriedades contrárias ao fenômeno mórbido instalado, mais eficaz deverá ser para eliminá-lo. Excetuando-se as vacinas, que tem caráter preventivo das doenças de massa, os princípios terapêuticos da medicina oficial vão caminhar no sentido oposto ao da homeopatia, embora a busca da cura fosse, ao tempo de Hahnemann, semelhante. Apesar da direção não ser a mesma, acabou havendo colisão.

Com efeito, a medicina oficial do século XIX, que estava definindo sua fisionomia no nível do saber com a anatomia patológica e o estudo das "causas próximas" (etiologia) das doenças, não poderia conviver com um sistema médico que, embora partindo da mesma fisiologia, da mesma anatomia, de uma clínica semelhante, advogasse uma terapêutica completamente oposta e tivesse uma concepção de organismo, saúde e doença tão díspar.

Do ponto de vista da terapêutica, as disparidades são nítidas:

- 1a.) à generalidade da doença, Hahnemann opõe a singularidade do doente: o indivíduo doente é o objeto da sua terapêutica, ao invés de se combater simplesmente a doença no indivíduo;
- 2a.) o (remédio) semelhante deve curar o (quadro sintomático) semelhante, ao invés do(s) medicamento(s) contrário(s) que se propõem a eliminar a patologia contraída;
- 3a.) os remédios só devem ser testados em homens sãos, ao invés de em homens doentes e/ou em animais;

- 4a.) os doentes não devem tomar um medicamento com mais de uma substância, nem devem ser tratados com mais de um medicamento, enquanto se observa o efeito deste medicamento, ao invés da mistura de substâncias e de medicamentos costumeiramente indicada pela medicina oficial do seu tempo;
- 5a.) a dosagem do medicamento deve ser adaptada a cada paciente de acordo com sua capacidade reativa, e não segundo, uma norma universal concebida em função de entidades patológicas;
- 6a.) a capacidade terapêutica dos medicamentos só se mostra em todas as suas propriedades quando estes são submetidos à trituração e à sucussão, em diluições específicas (11), ao invés das doses quimicamente concentradas em uso na medicina oficial. Estas, são consideradas por Hahnemann paliativas, porque a melhoria do doente, em geral sintomática, é sempre transitória.

Do ponto de vista da concepção de organismo, saúde e doença também são díspares as posições:

- 1a.) As definições de organismo não são as mesmas. Hahnemann distingue o organismo material (ou corpo material), que executa todas as nossas funções vitais e drena todas as nossas sensações, da força vital, (a "dínamis"),

(11) O que se chama em Homeopatia, de dinamização. Consultar: A arte de curar pela Homeopatia (O Organon de Samuel Hahnemann), tradução brasileira do resumo da sexta edição do "Organon", dos Drs. Hamly E.C., M.B., C.H.B., e M.R.C.G.P., São Paulo, Ed. Roca 1982, parágrafo 128, p. 56.

ou, mais recentemente, energia vital*, que anima este organismo material em todos os seus pontos, mantendo-lhe o funcionamento equilibrado e harmonioso. Esta energia vital é um princípio imaterial que, deixando de operar no organismo ele está morto, decompondo-se nos seus elementos químicos. Entretanto, para a medicina oficial do século XIX, paulatinamente o organismo vai ser identificado com a totalidade dos seus sistemas, órgãos e funções. Portanto, com o que Hahnemann denomina "organismo material". Do ponto de vista da doutrina médica, o princípio de imaterialidade da força ou energia vital não precisa ser necessariamente a alma*, mas na verdade, a concepção Hahnemanniana deixa implícita uma visão espiritualista de organismo, que a medicina, à medida em que se tornar positiva, cada vez mais execrará. Lembremo-nos que a medicina moderna estava saindo de um período racionalista, com o século das luzes, caminhando sempre mais no sentido "materialista"*, encontrando finalmente seu leito "natural" no positivismo.

2a.) A concepção de saúde e doença. Aqui também há disparidades.

Para Hahnemann, a saúde é o equilíbrio da energia ou

* A concepção vitalista implícita no conceito de força ou energia vital é tão ampla que várias interpretações podem ser dadas: materialistas organicistas, psicanalíticas, físicas (com influência de teorias da física nuclear), e também espiritualistas.

* Materialismo aqui, tem o sentido de negação metafísica de qualquer princípio espiritual, e de afirmação do primado da experiência e da razão do ponto de vista do conhecimento.

força vital. Há, no caso, uma definição positiva de saúde, ligada ao princípio de harmonia do dinamismo vital. Quando qualquer agente hostil à vida, externo ou interno, atinge o indivíduo, este princípio de harmonia se altera pelo dinamismo do agente hostil. Neste caso, a energia vital se altera, mudando seu ponto de equilíbrio, produzindo no organismo sensações desagradáveis, inclusive os processos irregulares que são conhecidos como doenças (12). O ponto chave de entendimento da teoria homeopática no processo da produção da doença, é que esta se evidencia por um conjunto de sintomas (mentais, físicos, comportamentais) em cada indivíduo. Este conjunto é o ponto de partida e de chegada do clínico homeopata. Quanto à medicina oficial, do século XIX, como já acentuamos nas páginas anteriores, considera a patologia como ponto chave de explicação, classificação e de combate, das doenças, de tal forma que considerará no indivíduo basicamente aqueles sintomas típicos que apontam para esta ou aquela doença. Por outro lado, a saúde será definida como "estado normal", e a normalidade será considerada em função da ausência de certas patologias. De fato, este é um princípio de oposição nítido, face à Hahnemann:

"Considerar a doença como entidade separada do todo vivente, isto é, do organismo e sua força vital animadora, só pode ser fruto de mentes materialistas" (...) (13)

(12) A arte de curar pela Homeopatia (Organon de S. Hahnemann), op. cit. parágrafos 9 - 13, pp. 16 - 17.

(13) Ibidem.

Neste sentido, para o homeopata, restabelecer a saúde de um indivíduo é restabelecer-lhe a harmonia do dinamismo da vida (o equilíbrio energia vital organismo material); isto é dá pela eliminação do conjunto de sintomas como um todo. Tal "cura" só se consegue, para Hahnemann, com o emprego do medicamento adequado na dose adequada para o indivíduo doente, pois o remédio atuará no processo mesmo de adoecer do indivíduo, enquanto combate à doença atual. Esta definição de cura é também distinta da medicina oficial, para quem a cessação dos sintomas imediatos era o critério de eficácia do medicamento e de volta ao "estado normal" do paciente. Assim, durante o século XIX progressivamente se confundirão cura e cessação de sintomas físicos. Para o fundador da homeopatia, entretanto, não se está, neste caso, restabelecendo a saúde do doente, mas aprofundando-lhe a doença pela supressão dos sintomas (14). Hahnemann concebe, assim, a doença, como um processo que "se aprofunda", partindo da superfície (sintomas mentais, comportamentais, epidérmicos) para o interior do organismo, chegando à fase mais interiorizada (e mais grave e crônica) quando lesiona órgão ou sistema. Desta forma, o ponto final do adoecer para Hahnemann, é o ponto inicial (porque observável em termos de anátomo-clínica) para a medicina alopática. Enfim, para Hahnemann, há uma fase "invisível" da doença, pré-orgânica (no sentido alopático o de organismo).

Na verdade, com esta visão organismo, de saúde e doença, e de terapêutica, Hahnemann torna-se rapidamente alvo das críticas e perseguições dos médicos e farmacêuticos de sua época (15).

Em Leipzig, onde o Organon havia sido editado, permaneceu até 1821, publicando em dez anos os seis volumes de sua Matéria

(14) Idem, p. 25 (parágrafos 35 e 40)

(15) CAIRO, N. op. cit. pp. 37 - 38

Médica Pura (16). Teve, no entanto, que retirar-se de lá em função das querelas e perseguições provocadas por sua doutrina, buscando asilo junto ao duque reinante de Anhalt-Coethen (17).

Os alopatas, segundo consta, conduziram nesta cidadezinha uma revolta contra ele, que teve os vidros de sua casa apedrejados pela população (18). Apesar dessas peripécias e outras (19), o fundador da homeopatia conseguiu firmar-se pessoalmente junto à clientela e às autoridades, ali permanecendo até 1835 (20), sem parar de escrever seu tratado das Moléstias Crônicas, em quatro volumes (21). Neste ínterim, a medicina oficial conseguira a interdição da prática da homeopatia em toda a Austria - Hungria. A corporação dos médicos e dos farmacêuticos não cessou de dar caça a Hahnemann e a seus seguidores, acusando-os de charlatães, até sua saída da Alemanha, em 1835.

É assim que, já aos 80 anos mudou-se para Paris, onde morreu em 1843, aos 88 anos. Até bem perto de sua morte escreveu e clinicou de acordo com os princípios do método que fundou. Em Paris os expandiu, como o fizera na Alemanha e na Austria, sempre em meio aos protestos da medicina oficial (22).

Foi em Paris, certamente, que teve contato com o Dr. Bento Mure, ex-comerciante francês de Lion, que se tornara adepto da ho

(16) Ibidem

(17) Ibidem

(18) Ibidem

(19) DUPRAT, H., em A teoria e a técnica da homeopatia, Rio, 1974 refere, na sua p. 31, que Hahnemann teria sido, lapidado pela população incitada pelos médicos alopatas e farmacêuticos de Coethen.

(20) Ibidem, onde afirma que Hahnemann teve de sair de Coethen "na calada da noite a fim de não ser retido à força pelos mesmos habitantes" (que antes o apedrejaram).

(21) CAIRO, Nilo, op. cit. pp. 37 - 38.

(22) Ibidem, p. 39.

meopatia, "depois de ter tido sua vida salva por ela".

O Dr. Mure veio para o Brasil em 1840, onde permaneceu durante quase oito anos, e aqui introduziu a prática da homeopatia, que tantas polêmicas haveria de provocar junto à medicina oficial de nosso país.

2 - A Homeopatia no Brasil do século XIX:

A medicina conheceu um grande desenvolvimento no Brasil a partir da constituição do estado nacional, após a vinda de D. João VI e sobretudo depois da Independência, na década de 30. A corporação médica em formação tenta assumir, através do ensino médico, o monopólio do saber e da prática médica, assegurando-se uma fatia importante de poder na sociedade, com a implantação de um projeto de medicina social (23). As estratégias de poder se acentuam, da parte dos médicos, com a criação das Escolas ou Faculdades de Medicina, em 1832, e com a transformação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em Academia Imperial de Medicina, em 1835 (24). Um e outro evento conferem à corporação médica o selo do poder de Estado.

Desta maneira, quando a homeopatia aqui aporta com o Dr. Mure, a medicina está em pleno canto ufanista:

"Durante toda a primeira metade do século XIX (...) a medicina canta o seu louvor - a posição e a importância da medicina, as virtudes do médico, as vantagens do reconhecimento da "verdadeira medicina" - e cria o charlatanismo como desvio" (25)

(23) MACHADO et alii. *Danação da Norma - Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil*, Rio, Graal, 1978, parte II, Cap. 1 e 2.

(24) MACHADO et alii. op. cit. pp. 175 e 190

(25) MACHADO et alii. op. cit. p. 194

A medicina oficial procura, assim, expandir seus poderes, limitando e cercando os espaços institucionais de saberes e práticas concorrentes, seja em campanhas públicas, através de periódicos e jornais, e de teses acadêmicas que, de 1841 (um ano após a chegada do Dr. Mure) a 1855 (26) crescem em volume considerável, seja através da legislação e de normas, obtidas junto à Corte e à Câmara Legislativa. Os homeopatas são os novos e piores charlatões a serem combatidos, porque são médicos e se apresentam como enunciadores de um saber científico e de uma prática clínica mais eficaz, referindo-se à medicina oficial como "velha medicina" ou "medicina tradicional".

Enquanto a medicina oficial garantia a reprodução do seu saber através do curso médico que, no seu currículo de cinco a seis anos, formava doutores em medicina e cirurgia, a homeopatia pretendia formar seus médicos com seu próprio currículo, num período de tempo inferior ao da Escola Médica, com um tipo de conteúdo que não se enquadrava no modelo oficial. Além disso, admitia formar uma clientela leiga, escolhida segundo seus próprios critérios, isto é, sem um exame prévio de entrada, sem nenhuma seleção social (27). Mais de trinta anos tinham se passado desde que D. João VI fundara as primeiras Escolas de medicina no Brasil; já se haviam proposto algumas reformas de ensino; os médicos já haviam conseguido retirar da Fisicatura (órgão do Império) o poder de conferir diplomas ou títulos em medicina e de legislar sobre higiene pública (28).

(26) Consultar a este respeito o levantamento bibliográfico anexo a este relatório (Anexo 2). Ver também, levantamento de documentos da Medicina oficial contra a homeopatia, feita por MACHADO et alii., op. cit., pp. 503 - 529.

(27) MACHADO et alii. op. cit., p. 203.

(28) Ibidem, pp. 173 - 178.